

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Bacharelado em Jornalismo

BIANCA SOUZA DA SILVA

**A HUMANIZAÇÃO NO JORNALISMO A PARTIR DO *STORYTELLING*: UMA
ANÁLISE NARRATIVA DA GRANDE REPORTAGEM “AGRICULTORAS
VIOLENTADAS”**

RIO DE JANEIRO

2022

BIANCA SOUZA DA SILVA

**A HUMANIZAÇÃO NO JORNALISMO A PARTIR DO *STORYTELLING*: UMA
ANÁLISE NARRATIVA DA GRANDE REPORTAGEM “AGRICULTORAS
VIOLENTADAS”**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel em
Jornalismo ao Centro Universitário
Internacional UNINTER.

Orientadora: Prof^a. Dra. Máira Nunes.

RIO DE JANEIRO

2022



Curso de Bacharelado em Jornalismo

Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos vinte e quatro dias do mês de agosto de dois mil e vinte e dois realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso da estudante **Bianca Souza da Silva**, portadora do Registro Uninter 2421433 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade produto, sob o título “**A Humanização No Jornalismo A Partir Do *Storytelling*: Uma Análise Narrativa Da Grande Reportagem ‘Agricultoras Violentadas’**” e orientação da professora doutora Máira de Souza Nunes, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Prof^a Ma. Larissa Drabesky

Examinador/a 2: Prof^a Dra. Karine Vieira


Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 9,0

Sendo assim, considerou-se a estudante aprovada.

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a: 

Examinador/a 1: 

Examinador/a 2: 

Estudante: 

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, que me deu saúde, energia e determinação para que eu ultrapassasse os obstáculos ao longo do curso. Sem ele nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Lucia e Alexandre, e a minha irmã, Bruna, por compreender as minhas ausências em alguns momentos, por sempre torcer por mim e querer o meu melhor. Obrigada por tudo.

Ao meu esposo, Júnior, que me incentivou a concluir a graduação e sempre me apoiou.

Aos professores orientadores que foram muito atenciosos e deram todo o auxílio necessário para a elaboração dessa pesquisa.

EPÍGRAFE

*“Ainda que eu falasse a língua dos
homens, e falasse a língua dos
anjos, sem amor eu nada seria”.*

Legião Urbana

RESUMO

O objetivo desse trabalho monográfico é investigar a humanização do jornalismo, usando técnicas do *storytelling*, a partir da análise das personagens na grande reportagem “Agricultoras Violentadas” transmitido pela emissora de televisão Record TV. A reportagem conta histórias de mulheres que vivem no campo e que são violentadas, de todas as formas, pelos companheiros. A escolha se deu pela gravidade do tema e tem a finalidade de dar visibilidade às mulheres que sofrem violência doméstica. A análise partiu da pesquisa bibliográfica e documental e foi organizada por meio da análise de narrativa, a qual possibilita amplificar a voz de personagens mostrando sua subjetividade nos fatos relatados. Em análise de narrativa a história é contada através da realidade vivida pelo narrador, de acordo com acontecimentos do seu cotidiano. A humanização em uma reportagem vai além de valorizar os personagens, é identificá-los como pessoas e não apenas como fontes. As personagens, vítimas de agressões, precisam de ajuda e, principalmente, de serem ouvidas e compreendidas, é fundamental discutir a violência de gênero e ajudar a combatê-la.

PALAVRAS-CHAVE: Grande Reportagem; Humanização; Jornalismo; Violência Contra Mulher.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 METODOLOGIA	11
2.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE NARRATIVA E STORYTELLING.....	12
2.1.2 Construção do Storytelling Segundos Alguns Autores.....	15
3 JORNALISMO HUMANIZADO E TÉCNICAS DO <i>STORYTELLING</i>	17
3.1 FUNDAMENTOS DO <i>STORYTELLING</i>	18
4 AGRESSÃO CONTRA A MULHER NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS	21
5 REPÓRTER RECORD INVESTIÇÃO E A GRANDE REPORTAGEM	24
5.1 EPISÓDIO 1.....	24
5.1.1 Personagens.....	25
5.1.2 Cenário.....	26
5.1.3 Narrativa.....	27
5.2 EPISÓDIO 2.....	29
5.2.1 Personagens.....	30
5.2.2 Cenário.....	30
5.2.3 Narrativa.....	31
5.3 EPISÓDIO 3.....	32
5.3.1 Personagens.....	33
5.3.2 Cenários.....	33
5.3.3 Narrativas.....	34
5.4 EPISÓDIOS 4 E 5.....	35
5.4.1 Personagens.....	36
5.4.2 Cenários.....	37
5.4.3 Narrativas.....	38
5.5 EPISÓDIO 6.....	39
5.5.1 Personagens.....	40
5.5.2 Cenários.....	41
5.5.3 Narrativas.....	41
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

A condição de violência, antes de tudo, é uma questão de violação aos direitos humanos; pode estar associada a vários fatores complexos e de naturezas distintas. O assédio contra a mulher destaca-se como uma postura abusiva por uma sucessão de acontecimentos, e afeta a esfera física, psíquica, moral, sexual e patrimonial da vítima.

Historicamente, a violência contra a mulher acontece dentro das relações afetivas e se expressa pelo controle da mulher. “A figura feminina era reprimida por sua sexualidade, e restrita de diversos direitos por ser caracterizada como incapaz, inexistindo a proteção legal às mesmas na época.” (ANDRADE; SOUZA, 2021, p. 4).

A violência doméstica não distingue classe social, raça, etnia, religião, orientação sexual, idade ou grau de escolaridade. Há todo momento circulam notícias em que mulheres são assassinadas por seus companheiros ou ex-parceiros, e na maioria dos casos elas já vinham sofrendo tipos de violência, porém, a situação só chega ao conhecimento de outras pessoas quando as agressões culminam no feminicídio. (NÃO SE CALE, 2006).¹

No Brasil, o sistema de proteção à mulher vítima de violência doméstica começou a ser implementado a partir dos anos 1980, com a criação da primeira Delegacia de Atendimento Especializada à Mulher (DEAM), no Estado de São Paulo. “Após a constituição Federal de 1988, ocorreu ampliação mais abrangente nos direitos das mulheres, e somente no ano de 2006 foi sancionada a Lei Maria da Penha para prevenção e punição da violência doméstica.” (ANDRADE; SOUZA, 2021, p. 4).

A grande reportagem “Agricultoras Violentadas”², transmitida pelo programa televisivo Repórter Record Investigação, na emissora Record TV, foi filmada no interior de Minas Gerais e Goiás e contou histórias de mulheres que sofrem violência doméstica, além de enfrentarem longas horas de trabalho no campo, principalmente em regiões isoladas do país onde não existem delegacias da mulher ou qualquer outro tipo de proteção às vítimas. Na cidade de Rio Verde, interior de Goiás, a produção do programa acompanhou a patrulha rural, registrando que as viaturas policiais passam, com frequência, por áreas isoladas para averiguar se homens violentos estão respeitando as medidas protetivas.

Em junho de 2021 a reportagem ganhou o prêmio “*One World Media Awards*”

¹ A página foi acessada através do site: <https://www.naosecale.ms.gov.br/violencia-domestica-2/> que fala sobre a violência doméstica.

² A grande reportagem está exibida na plataforma do youtube, através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=JdxVm2KItN8>

um dos mais importantes da comunicação mundial. O prêmio é concedido pela “*One World Media*”, uma organização não-governamental com sede em Londres, Inglaterra, que tem parcerias com empresas de comunicação como BBC, Al Jazeera e Google. (RAMOS, 2021).

No mesmo ano, a grande reportagem “Agricultoras Violentadas” também recebeu o prêmio “Viviane Vieira do Amaral”, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), na categoria mídia. O prêmio é em homenagem a juíza, Viviane Vieira do Amaral, que foi vítima de feminicídio no dia 24 de dezembro de 2020. (OTONI, 2022).

Tendo a reportagem como objeto de pesquisa o presente trabalho buscou responder ao seguinte questionamento: Como o *storytelling* pode ser utilizado para humanizar a cobertura jornalística sobre a violência contra a mulher?

Diante deste apontamento de pesquisa, foi estabelecida a seguinte hipótese: uma das técnicas do *storytelling* é em mergulhar na realidade do personagem, captando na narrativa os aspectos ambientais, físicos e sociais, como o local onde vive, a expressão no olhar, o tom de voz, as roupas, e o movimento dinâmico em que as ações acontecem. Esse aprofundamento permite que o personagem seja humanizado.

O objetivo geral desta monografia é identificar de que maneira as técnicas de *storytelling* aparecem na reportagem. Como objetivos específicos: analisar, a partir das narrativas, o que as vítimas, os agressores, os especialistas e os personagens secundários relatam em cada episódio; avaliar, a partir das análises de personagens, a função de cada personagem dentro da grande reportagem.

O referido tema tem relevância para o campo jornalístico por analisar sobre os processos de humanização, juntamente com as técnicas do *storytelling*, além da relevância social da violência de gênero. As vítimas relatadas na grande reportagem correm sérios riscos de perderem a vida. O dever do jornalismo é contar e mostrar suas histórias no intuito também de alertar outras mulheres que vivem a mesma situação e não sabem como agir.

O presente trabalho está dividido em seis capítulos, além desta introdução. O capítulo 2 apresenta os procedimentos metodológicos aplicados na análise dos episódios da reportagem.

O capítulo “Jornalismo humanizado e técnicas do *storytelling*” analisa a forma como o jornalismo humanizado é feito, junto com técnicas do *storytelling*, e também sobre seu surgimento como um ato de comunicação pela capacidade humana de criar pensamentos que lhes permitam compartilhar informações, pensamentos e ideias.

O capítulo “Fundamentos do *Storytelling*” apresenta a construção do *storytelling*

a partir de técnicas para narrar fatos. No jornalismo convencional os personagens são apenas fontes de informação, já no jornalismo literário são personagens reais, fascinantes e complexos.

O capítulo “Agressão contra a mulher nas relações íntimas” discute o conceito de patriarcado, as formas de dominação masculina, os tipos de violência, feminicídio e, também, sobre o ciclo do abuso; de acordo com o pensamento de Ortega (2016), Prado e Sanematsu (2017), Paterman (1993), Saffioti (2011) E Bourdieu (1998).

O capítulo “Repórter Record Investigação e a grande reportagem”, analisa a história da grande reportagem, como diretriz nesta monografia, descrevendo a análise narrativa de personagens, cenários e a construção de cada episódio da reportagem.

A humanização na narrativa prioriza um jornalismo realizado com vidas e privilegia a busca de múltiplas vozes e olhares. Não busca disseminar preconceitos, mas compartilha sentidos, valores universais. Por esse motivo é de fundamental importância que a humanização na narrativa esteja a frente desta monografia juntamente com técnicas do *storytelling* em que analisará como os jornalistas, a produção, reportará essas histórias vividas pelas personagens na grande reportagem “Agricultoras Violentadas”.

As entrevistas de perfil humanizado propõem uma compreensão ampla no entrevistado, focando na história de vida dele. A preocupação do jornalista deve ser com a fonte de forma individual. Não há preocupação com amostras científicas. (SANTOS, 2009).

Dominar as técnicas é fundamental para o jornalista que segue a linha das narrativas jornalísticas humanizadas e, também, o espírito questionador do profissional não pode se prender aos dados, aos entrevistados. Sempre deve-se questionar, se perguntar “o que estou fazendo, como estou fazendo, porque estou fazendo”. (IJUIM, 2017, p. 236). A finalidade desta pesquisa é em ser relevante para a sociedade e fornecer base para outras pesquisas monográficas.

2 METODOLOGIA

O atual trabalho monográfico teve início com uma pesquisa bibliográfica, realizada como base para a construção da fundamentação teórica, com a finalidade de aprofundar a compreensão sobre a teorização acerca da violência de gênero, bem como sobre a humanização do jornalismo e o *storytelling*. Conforme aponta Antônio Gil (2008, p.50),

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo.

O procedimento acionado nesta monografia foi a análise de narrativa, a partir da noção de que “muitas são as possibilidades de narrar, oralmente ou por escrito, em prosa ou em verso, usando imagens ou não”. (GANCHO, 2002, p. 6). Em análise de narrativa a história é contada de acordo com a realidade vivida pelo narrador após o acontecimento igualando-se a própria vida. “A narrativa diz da lembrança de algo já vivido e é uma ferramenta para se saber o que houve em dada época, com alguém”. (MOUTINHO; CONTI, 2016, p. 2).

A análise de narrativa é uma área que agrega tanto abordagens estruturais quanto interacionais em perspectiva discursiva. A narrativa pode ser definida como discurso construído no momento de se contar histórias do cotidiano ou institucionais, em situações da fala espontânea ou em entrevistas para pesquisas sociais. (BASTOS; BIAR, 2015).

Análise de narrativa é feita através da escolha técnica e da criação que organiza a produção da ficção. De acordo com Reuter (2002):

O tipo de narrador, o tipo de narratário, a perspectiva escolhida, a ordem adotada, o ritmo etc. Assim a mesma ficção do começo pode ser radicalmente diferente quando contada em “ele” ou em “eu” adotando uma perspectiva de uma personagem ou de outra, narrando na ordem cronológica ou com perturbações. (REUTER, 2002, p. 21).

Toda história pode ser contada, narrada. Segundo Cândida Gancho, a narrativa é formada por cinco elementos principais: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador.

Os fatos, os personagens, o tempo e o espaço existem por exemplo num texto teatral, para o qual não é fundamental a presença do narrador. Já no conto, no romance ou na novela, o narrador é o elemento organizador de todos os outros

componentes, o intermediário entre o narrado (a história) e o autor, entre o narrado e o leitor. (GANCHO, 2002, p. 9).

Quando se trata da fala das personagens, o efeito do real é reforçado. “Quando a fala é contextualizada, parece sofrer transformações menores do que as ações”. (REUTER, 2002, p. 62).

2.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE NARRATIVA E STORYTELLING

Dentre os conjuntos para se contar os fatos de uma história, Cândida Vilares Gancho inclui o enredo. Segundo a autora, duas questões são fundamentais para se observar o enredo. A primeira são as estruturas das partes que os compõe, e a segunda é a estrutura ficcional. Na grande reportagem aqui estudada será analisada a estrutura que os compõe. De acordo com Gancho (2002, p. 10), “Para se entender a organização dos fatos no enredo não basta perceber que toda história tem começo, meio e fim; é preciso compreender o elemento estruturador: o conflito.”

O conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que opõe a outro criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor. (GANCHO, 2002, p. 8).

A autora ressalta que além dos conflitos entre personagens e entre o personagem e o ambiente, pode-se encontrar nas narrativas os conflitos morais, religiosos, econômicos e psicológicos. No conflito psicológico o personagem vive uma crise emocional. De acordo com Gancho (2002), em termos de estrutura, o conflito determina as partes do enredo, que inclui:

- **Exposição:** coincide com o começo da história, no qual são apresentados os fatos iniciais, os personagens, as vozes o tempo e o espaço. É a parte na qual se situa o leitor.
- **Complicação:** é o desenvolvimento do conflito ou dos conflitos.
- **Clímax:** momento culminante da história, de maior tensão. O conflito chega em seu ponto máximo.
- **Desfecho:** solução dos conflitos, boa ou má. Final feliz ou não.

A autora também destaca o enredo psicológico: Os fatos emocionais que compoariam o enredo psicológico. O enredo psicológico se estrutura como enredo de

ação, onde tem um conflito, apresenta partes, verossimilhança e, portanto, é possível de análise. (GANCHO, 2002).

A personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação. Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais. (GANCHO, 2002, p. 14).

O personagem pertence a história, porém, só existe como tal se efetivamente participar da história, isto é, se age ou fala. Dentro das classificações dos personagens têm os protagonistas, antagonistas e os personagens secundários. Falando das características dos personagens existem os personagens planos e os personagens redondos.

- **Personagens planos:** existem os "tipos", que são reconhecidos por características típicas, invariáveis, sendo morais, sociais, econômicas, ou de qualquer outra ordem. E existe também, dentro dos personagens planos, as caricaturas, que são personagens reconhecidos por características fixas e ridículas.
- **Personagens redondos:** são mais complexos que os planos, pois apresentam uma variedade maior de características, como: físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e morais.

Segundo Gancho (2002, p. 20),

O mesmo personagem pode ser julgado de modos diferentes por personagens, narrador, leitor; portanto, poderá apresentar características morais diferentes, dependendo do ponto de vista adotado. As características morais não são imediatamente identificáveis; no entanto percebe-se, por exemplo, como o julga o narrador, pela expressão "coitado". Nada impede, porém, que você leitor o julgue, desde que justifique seu ponto de vista.

Com relação à temporalidade, a autora apresenta o tempo fictício, que inclui a época em que se passa a história, duração da história, tempo cronológico e o tempo psicológico, que psicológico transcorre numa ordem determinada pelo desejo, pela imaginação do narrador ou do personagem, isto é, altera a ordem natural dos acontecimentos.

Por último, Gancho (2002, p. 23) destaca o espaço e o ambiente em que a narrativa é contada. O espaço é o local onde se passa a ação da narrativa. "Se a ação

for concentrada, isto é, se houver poucos fatos na história, ou se o enredo for psicológico, haverá menos variedade de espaços; pelo contrário, se a narrativa for cheia de peripécias (acontecimentos), haverá maior afluência de espaços".

Já o ambiente é o espaço com características socioeconômicas, morais e psicológicas em que vivem os personagens. Pensando nesse sentido, ambiente é um conceito que aproxima tempo e espaço, pois é a confluência destes dois referenciais, acrescido de um clima. A função do ambiente é situar os personagens no tempo, no grupo social, nas condições em que vivem.

Yves Reuter, 2002, destaca que a história na narrativa, dentro da ficção, se enquadra em ações, intrigas e sequências. Nas ações a história se apresenta de diferentes formas em ordem de importância. Quanto mais numerosas e voltadas para o exterior forem as ações, mais nos encontraremos do lado da narrativa. Analisando as ações de forma explícita (claramente identificável), pode ser considerado um relato jornalístico na tentativa de reconstituir o que possivelmente se passou, sem está certo da verdade. "As relações são essenciais para a articulação das ações numa intriga global que, em compensação, intriga e dá sentido às múltiplas ações que a compõem". (REUTER, 2002, p. 31).

A intriga convida a nos interrogarmos sobre a estrutura global da história. "Essas funções vão introduzir o nódulo central do conto. Após o malfeito, no entanto, podem tomar a forma de uma carência ou de um desejo que domina todo o resto da história". (REUTER, 2002, p. 33).

Nesse cenário, a noção de sequência pode constituir uma resposta interessante como unidade de análise intermediária sendo mais curta do que as etapas e mais longa do que as ações. Dois modelos de sequência podem ser citados. O primeiro, que é também o mais rígido, consiste em considerar que há sequência desde que uma unidade textual manifeste o esquema quinário, mesmo de maneira mínima ou muito elíptica. O segundo, mais flexível, considera que há sequência desde que se possa isolar uma unidade de tempo, lugar, ação ou personagens. (REUTER, 2002).

As cenas ocupam um lugar importante. Trata-se de passagens textuais que se caracterizam por uma forte visualização, acompanhadas principalmente de falas de personagens e de um excesso de detalhes. Temos a impressão de que aquilo se desenrola diante dos nossos olhos, em tempo real. (REUTER, 2002, p. 61).

No modo de contar, as falas das personagens são baseadas a partir da fala do narrador. Isso pode assumir as formas de falas *narrativizadas*, que resumem um discurso mais ou menos longo, sem mudar o conteúdo e as formas, ou de falas transpostas, quer

se trate do discurso indireto, ou indireto livre. As perspectivas também variam conforme segundo o modo escolhido. Assim, o modo de mostrar a tendência é o domínio das perspectivas que dão a impressão de que a história é apresentada de maneira neutra. Já o modo de contar predominam as perspectivas pelas quais se vê que a história é mediada pelo narrador ou por uma personagem em relação a qual conserva uma certa distância. (REUTER, 2002, p. 63).

No discurso, a enunciação, está presente sob as formas de pronomes, lembrando aos parceiros do ato de comunicação e a indicadores espaço-temporais, o momento e o lugar da enunciação. Os tempos também se referem ao momento da enunciação: presente, futuro, passado perfeito, e ainda o imperfeito e o mais-que-perfeito. (REUTER, 2002).

2.1.2 Construção do Storytelling

Para Dalva Rêgo (COELHO, 2017), o *storytelling* quando usado no campo do jornalismo torna o repórter um contador de histórias. Nas reportagens precisam ter a presença, a história de um personagem que vive determinada situação. No caso da grande reportagem “Agricultoras Violentadas” tem as personagens, vítimas de agressão, que ilustra a temática da violência contra a mulher no campo, e essa presença cria algo atraente e criativo. Quando se tem a presença do personagem na reportagem torna a história mais próxima das pessoas. Com o uso do *storytelling*, mais do que ilustrar o personagem na contação da história, aproxima e humaniza a reportagem em si.

Segundo André Arcas (2021), a construção do *storytelling* inicia com o que podemos chamar de promessa. Precisa de um gancho para que a história que está sendo contada vale a pena dar atenção, assistir, ouvir. Sem esse gancho da promessa as pessoas podem ficar inquietas e se questionar se vale a pena assistir.

A próxima etapa é o contexto da história. Toda vez que for contar uma história precisa contextualizar o que está acontecendo, como: quem são as pessoas envolvidas, em que momento está ocorrendo, apresentar os personagens principais, mostrar que a pessoa vai passar por uma jornada, uma jornada que vale a pena ser contada. Mas toda história, pra valer a pena, vai passar por altos e baixos, toda história linear demais não interessa.

Os elementos de construção de narrativa, para Arcas (2021), são:

- **Complicações:** O contexto mencionado acima vai dar margem a um desafio, um problema. O personagem precisa resolver algo. Quanto mais complexa a trama for, pode ter novas desafios e pequenas soluções.
- **Clímax:** O clímax é o acumulado máximo da tensão que se deu ao longo da história. E essa tensão vai depender da história que está se falando. Se é um drama, as aflições e o sofrimento do personagem. Um acumulado de desafios que crescem cada vez mais. Quanto maior for a diferença entre a tensão que se criou, o problema e a solução, mais impactante será a história.
- **Conclusão:** A conclusão é o amarrado da história. Uma vez que a solução foi resolvida, a problemática foi resolvida, aí chega a moral da história. E isso depende da situação que se encontra. Se é uma história engraçada, geralmente as pessoas param no meio, tem o clímax, o pessoal dar risada, e para por aí. Mas se o intuito for contar uma história que vai impactar, vai deixar uma moral, uma ideia, uma lição, esse é o momento de amarrar, dizer com todas as letras que a lição que ficou da história foi tal.

As complicações e conflitos permitem que a história fique mais impactante e prenda a atenção do leitor, por criar uma tensão. (GANCHO, 2002).

3 JORNALISMO HUMANIZADO E TÉCNICAS DO *STORYTELLING*

A evidência do ser humano, ou humanização, significa tornar o indivíduo cada vez mais dono de sua própria vida para poder intervir nela, transformando-a em liberdade, comunicação e colaboração entre os homens. O jornalismo surgiu como um ato de comunicação pela capacidade dos humanos de criarem pensamentos que lhes permitam compartilhar informações, pensamentos e ideias. Por este motivo, o fazer jornalístico é uma ação humana. (IJUIM, 2012).

Bortoli (2002, p. 8) destaca que há muitos pesquisadores e profissionais que criticam o rótulo “Jornalismo Humanizado”. “Os modelos jornalísticos ainda hoje em prática foram esboçados no século XIX na carreira do pensamento positivista. As circunstâncias favoreceram e exigiram de uma imprensa crescente a rapidez e o maior volume de informações”.

O jornalismo só tem sentido quando se envolve com o compromisso da sociedade, quando de fato se entrega aos questionamentos, problemas e possíveis soluções para com a população.

Para um jornalismo humanizado, este fazer começa antes da pauta, consciência do ser jornalista. No trabalho de apuração o repórter não se relaciona com um objeto, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma sua busca envolve-se na compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência – dos seus entrevistados e da sua própria consciência. (BORTOLI, 2002, p. 9).

O lugar do jornalista, antes de tudo, é de um narrador, contador de história ou produtor de representações. “Não há nesse processo como escapar da transmissão intersubjetiva e do distanciamento entre receptor e acontecimento dada a própria natureza social dos processos de representação”. (LOBATO, 2016, p. 69).

Dominar as técnicas é fundamental para o jornalista que segue a linha das narrativas jornalísticas humanizadas e, também, o espírito questionador do profissional não pode se prender aos dados, aos entrevistados. Sempre deve-se questionar, se perguntar “o que estou fazendo, como estou fazendo, porque estou fazendo”. (IJUIM, 2017, p. 241).

Firmar compromisso com o mundo tanto requer humanizar como é decorrente de um processo humanizador. Humanizar exige um engajamento com a realidade, cumplicidade com o outro, uma solidariedade. Ao negar esse compromisso e essa solidariedade, o jornalista ignora também a complexidade dos acontecimentos que deve investigar. (FREIRE, 1983 *apude* IJUIM, 2017, p. 238).

As entrevistas de perfil humanizado propõem uma compreensão ampla no entrevistado focando na história de vida dele. A preocupação do jornalista deve ser com a fonte de forma individual. Não há preocupação com amostras científicas. (SANTOS, 2009).

O *storytelling* quando usado no jornalismo, traz as características da humanização de narrativas, recorrendo aos fatos voltados para o envolvimento do contar histórias aliado a transmissão de informação. (VIANA, 2020). O *storytelling* se constrói a partir de técnicas para narrar fatos como se fossem histórias. Ao descrever e narrar uma história, há uma dedicação em recriar cenas e personagens para que o consumidor de notícias, tanto do impresso como do audiovisual, se identifique com a história e goste do texto jornalístico, assim como apreciaria um texto literário. (CUNHA; MANTELLO, 2014).

Dentre as mais diferentes formas estilísticas e convenções de gênero, as narrativas se produzem em ajudar o ser humano na tradução de conceitos, nas formulações de respostas. “Essa confluência da materialidade do real e da subjetividade humana, que subsidia na produção narrativa, é capaz de orientar e, em certa medida, domesticar nossa experiência segundo modelos preestabelecidos”. (LOBATO, 2016, p. 67).

Toda história humanizada precisa de um bom protagonista e isso vai muito além do aspecto físico do ser humano. O personagem do *storytelling* é quem vive a jornada da história contada e compartilha suas experiências e sentimentos com toques pessoais. O jornalismo humanizado junto as técnicas do *storytelling* se preocupa em narrar fatos e transmitir como se fossem histórias. O jornalismo feito de forma humanizada se dedica em compreender os personagens e sua própria consciência. A grande reportagem “Agricultoras Violentadas” aqui estudado foi analisado usando técnicas do *storytelling* por ter bons personagens que contam suas histórias voltadas para o tema violência de gênero.

3.1 FUNDAMENTOS DO STORYTELLING

Conforme a evolução humana surgiram as primeiras civilizações e o desenvolvimento do conceito de sociedade. Nasceram as primeiras cidades e formas de comércio, promovendo a necessidade de se comunicar, transmitir e registrar informações e, neste quesito, o *storytelling* se tornou uma grande ferramenta dentro da sociedade antiga. (SANTOS, 2016).

Story significa história, sendo a parte abstrata do conteúdo. Cada pessoa carrega em si uma visão diferente de história. Isto porque as histórias só existem dentro

de nossas mentes, e são feitas de memórias e de imaginação. Já o termo *Telling* é o ato de narrar e, mais precisamente, narrar as narrativas, um exemplo são os livros, películas, DVD's, cartuchos, entre outros. (PALACIOS, 2013).

A própria identidade do indivíduo é contada por outras pessoas ao decorrer de sua vida. E a partir dessas histórias, o indivíduo se ver estagnado, e muitas das vezes acredita que aquilo que está sendo dito é a verdade sobre si. “Se alguém não consegue narrar-se a si mesmo de maneira coerente, termina por adoecer. O exercício de construir sua própria história auxilia na saúde psicológica do sujeito, ajuda a resolver conflitos ou problemas emocionais”. (CUNHA; MANTELLO, 2014, p. 58).

Para construir um bom *storytelling* é preciso atentar para uma série de condições que, quando implementadas, ajudam a formar uma história fluída, instigante e envolvente. Segundo Santos (2016):

O primeiro fator fundamental dentro de uma narrativa é o cenário. Uma boa ambientação ajuda o ouvinte/leitor a melhor se situar na história. Permite a ele imaginar e conectar-se com o local ou mundo no qual a narrativa se passa. O segundo aspecto importante dentro de uma história é o seu protagonista. Este pode ser um personagem real, um ser fictício ou até mesmo o próprio leitor. Um bom protagonista é fundamental para que a história gere empatia e identificação. Sendo muitas vezes os elementos principais da trama. Bons personagens são os responsáveis pelo sucesso da narrativa uma vez que uma figura ajuda a aproximar o leitor/ouvinte da história, seja por semelhança ou admiração, reforça o apelo emocional e marcante do *storytelling*. Por fim, uma boa história depende de um bom roteiro, este torna possível o bom andamento da narrativa, respeitando e criando uma coerência entre espaço tempo que ajuda o leitor/narrador a acompanhar e entender o andamento da história. Sem um bom script ou linha de tempo narrativa, uma história pode ficar confusa ou sem sentido, falhando em comunicar-se com seu público-alvo. (SANTOS, 2016, p. 8).

O uso do *storytelling* no jornalismo recorre aos sentimentos e emoções de quem consome a informação impulsionado pela humanização do relato e pela forma em que os personagens são representados. Isso faz com que o público-alvo se identifique e se sensibilize com o que está assistindo. (VIANA, 2020).

Como uma história, a técnica do *storytelling* requer um bom começo para fisgar o leitor (ou telespectador) como se fosse um anzol, e manter esse ritmo até a conclusão do texto. Portanto, *storytelling* não tem a ver com pirâmide invertida, mas pode oferecer elementos estéticos à narrativa jornalística baseada na pirâmide invertida com base retangular, cujo final mantém-se rico em informação e elementos atrativos do bom texto. (CUNHA; MANTELLO, 2014, p. 61).

O jornalismo literário sustenta-se sobre longa tradição. Nasceu no mesmo período em que surgiu o formato mais convencional e disseminado de jornalismo desse que vemos todos os dias nos jornais. Nos produtos jornalísticos convencionais, o foco

principal dos profissionais é em narrar os fatos, e sempre se fazendo as seis perguntas da “pirâmide invertida”, o que, quem, quando, onde, pra que e por quê? Segundo LIMA, (2014):

Enquanto aquela – a que podemos chamar de jornalismo convencional para facilitar a navegação do leitor por este texto – pretendia única e exclusivamente informar. O jornalismo literário já nasceu com um propósito distinto. Mais do que informar, essa modalidade procura oferecer ao leitor um mergulho sensorial na realidade. Não basta a informação seca, dita objetiva, factual. O leitor é convidado a captar na narrativa as nuances ambientais de onde o acontecimento se dá. As cores, os sons, os cheiros – se possível –, o movimento dinâmico com que as ações se dão. (LIMA, 2014, p. 121).

Para o jornalismo convencional as pessoas são meramente fonte de informação, para o literário são personagens reais, fascinantes e complexos. “O conceito implícito associado é de história imediata, do fazer que caracteriza um tempo, um local, uma cultura. Aquele fazer que do hoje caminha para o amanhã e resulta do ontem”. (LIMA, 2014, p. 122).

Para o *storytelling* é mais interessante segurar as respostas e ir conduzindo o leitor ou telespectador durante toda a história, mantendo-o motivado até o fim. Ao contrário do jornalismo convencional, que pretende chamar a atenção já no início da leitura começando com as informações mais importantes. No *storytelling* não existe pressa e ainda se tem a preocupação em estimular o público a mergulhar na história contada.

4 AGRESSÃO CONTRA A MULHER NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS

O conceito de patriarcado é muito controverso e seu significado problemático. O modo como a dominação patriarcal difere de outras formas de dominação do século XX torna mais claro uma vez que se tira o contrato sexual do esquecimento. A relação entre empregado e trabalhador é patriarcal, e para muitos teóricos do contrato esse é o contrato exemplar. O casamento também começa num contrato. Segundo Pateman (1993, p. 16-17):

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. Os filhos subvertem o regime paterno não apenas para conquistar sua liberdade, mas também para assegurar as mulheres para si próprios. Seu sucesso nesse empreendimento é narrado na história do contrato sexual. O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é social no sentido de patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres –, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres. O contrato original cria o que chamarei, seguindo Adrienne Rich, de 'lei do direito sexual masculino'. O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado: ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno.

O patriarcado não diz respeito ao mundo público ou, pelo menos, pra ele não tem nenhuma relevância. Assim como nas relações patriarcais em que suas hierarquias e sua estrutura contamina toda uma sociedade, o direito patriarcal não atingi apenas a sociedade civil, mas também o Estado. (SAFFIOTI, 2011).

De acordo com Bourdieu (1998), a dominação masculina é uma construção arbitrária do corpo masculino e feminino, de seus usos e funções, sobretudo, nas reproduções biológicas.

A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada. (BOURDIEU, 1998, p. 16).

A primazia universalmente concedida aos homens se firma nas objetividades que a sociedade, em forma de produção e reprodução biológica, confere aos homens o senso prático, dóxico, sobre os sentidos das práticas.

E as próprias mulheres aplicam a toda realidade e, particularmente, as relações de poder que se vêem envolvidas, em pensamentos que são produtos dessa incorporação de poder. Por conseguinte, seus atos de conhecimentos são de reconhecimento prático, de adesão tóxica, crença que não tem que se pensar e se firmar como tal e que “faz” de certo modo, a violência simbólica que ela sofre. (BOURDIEU, 1998, p. 17).

A violência simbólica, de acordo com Bourdieu (1998), seria uma violência meramente espiritual e, indiscutivelmente, sem efeitos reais, sendo uma distinção simplista. Logicamente, não minimizando a gravidade do caso, com mulheres sendo espancadas, violentadas, exploradas ou, o que ainda é pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência.

No Brasil ainda é frequente os casos em que o assassinato por parceiros ou ex é apresentado como um ato isolado, um momento de descontrole ou intensa emoção. “O suposto comportamento de quem foi vítima é apontado como ‘justificativa’ para perversamente dizer que ela – e não o homicida – foi responsável pela agressão sofrida”. (PRADO; SANEMATSU, 2017, p. 15).

Não é apenas a agressão física que tipifica o assassinato, indefere se a vítima está com hematomas ou não. “Há feminicídio também quando o crime revela o menosprezo ou discriminação à condição de mulher”. Porém, é preciso atentar que nem todos os homicídios que envolvem mulheres são necessariamente feminicídios. “Para isso, é dever do Estado adotar práticas que permitam saber se as motivações de gênero concorreram para o assassinato da mulher”. (PRADO; SANEMATSU, 2017, p. 18-19).

Existe uma grande diferença entre os termos feminicídio e o femicídio. Este, por sua vez, significa a prática de homicídio contra mulher, apenas. Já o feminicídio é a prática de homicídio contra mulher, “por razão única e exclusiva da condição do sexo feminino”. O femicídio é apenas uma questão de matar a mulher, e o feminicídio abrange a questão de gênero, onde não basta a vítima ser mulher, tem que haver a prática de homicídio contra a mulher, por razões dela ser mulher, abarcada pela questão de gênero e raiva do agressor. (ORTEGA, 2016).

Lenore Walker aponta que as agressões cometidas em um contexto conjugal ocorrem a partir de um ciclo constantemente repetido, no qual ela denomina de “Ciclo da Violência”. A primeira fase chama-se “Aumento da Tensão”, que acontece quando o agressor se mostra tenso e irritado chegando a ter excesso de raiva. Ele também humilha a vítima, faz ameaças e destrói objetos. No segundo momento do ciclo, chamado de “Ato de Violência”, corresponde a explosão do agressor, ele perde o controle e fica violento. Toda a tensão acumulada na fase I se transforma em violência verbal, física, psicológica,

moral ou patrimonial. Nesse momento, mesmo tendo a consciência de que o agressor está fora de controle, o sentimento da mulher é de paralisia, medo, ódio, pena de si, vergonha, confusão e dor. A vítima também pode sofrer de insônia, perda de peso, fadiga constante e ansiedade. (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).

Na terceira fase ocorre o “Arrependimento e comportamento carinhoso”, também conhecido como “Lua de Mel”, essa fase se caracteriza pelo arrependimento do agressor que se torna amoroso para conseguir a reconciliação. A mulher se sente confusa e pressionada a manter o relacionamento perante a sociedade, e perde aos seus próprios direitos e recursos quando ele diz que vai mudar. (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).

Com a reconciliação, há um período relativamente calmo em que a mulher se sente feliz com o esforço do companheiro e lembra dos momentos bons que tiveram. Como há a demonstração de remorso, ela acaba se sentindo responsável por ele e isso estreita a relação de vítima e agressor. A mulher sente um misto de medo, confusão, culpa e ilusão. E após tudo isso a tensão volta e retoma a agressão da fase 1. (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).

5 REPÓRTER RECORD INVESTIGAÇÃO E A GRANDE REPORTAGEM

O Repórter Record Investigação, fundado em 1990, é um programa jornalístico semanal brasileiro produzido e exibido pela emissora Record TV toda quinta-feira, às 22h30, sob o comando da jornalista Adriana Araújo. A partir de 2021, o Repórter Record Investigação retornou com o apresentador, Roberto Cabrini, que já havia conduzido o programa em 2009. (RECORD TV, 2021).

O objeto de pesquisa desta monografia foi a grande reportagem “Mulheres Violentadas”, que aborda a violência contra mulheres que vivem no campo e foi veiculada pelo programa “Repórter Record Investigação”, produzido pela jornalista Adriana Araújo. No dia 03 de setembro de 2021, foram ao ar sete episódios contando a história de mulheres do campo que sofrem violência doméstica.

O veículo também mostra, através da reportagem, a dificuldade dessas mulheres, que moram no interior, de chegarem até a cidade para fazer a denúncia contra o agressor, a distância que elas precisam percorrer até o seu destino. E mesmo chegando ao local, não encontram a presença do delegado. Isso mostra a dificuldade de acesso aos sistemas protetivos e às políticas públicas enfrentada pelas vítimas.

Os episódios da grande reportagem foram postados na plataforma do Youtube no dia 04 de setembro de 2020.

5.1 Episódio 1

O primeiro episódio, com o tema: "Patrulha Maria da Penha" atende denúncias de vítimas de violência em áreas afastadas, gravado na cidade de Rio Verde, interior de Goiás, está com cerca de onze mil visualizações, quatrocentas curtidas e quarenta e sete comentários. O episódio tem duração de onze minutos e trinta e três segundos.

O Repórter Record Investigação acompanhou a Patrulha Rural no interior de Goiás. A cidade tem, aproximadamente, 176 mil habitantes e quase 13 mil moram no campo, longe da polícia. A vítima, Valdinéia Rufino, entrou em contato com a Patrulha Maria da Penha e informou que o agressor está morando há menos de cem metros dela.

Os policiais encontraram o agressor, Júlio Antônio Gomes em sua residência. Ele nega que descumpriu a medida protetiva e ainda diz que a vítima precisa ficar longe, que no caso, ela quem foi morar perto dele. Relata ainda que nunca agrediu a ex-mulher e que a vítima tem o temperamento difícil.

O suspeito foi conduzido até a delegacia localizada na cidade, passou a noite preso, porém, no dia seguinte, foi liberado. O Ministério Público pediu a soltura a justiça alegando que mesmo com a medida protetiva não há requisitos para a prisão porque não se pode concluir a presença de perigo por virtude da ex-mulher, praticamente, consentir o retorno do homem ao lar.

De acordo com a doutora em direito penal, Patrícia Vanzolini, a pessoa só pode ficar detida em duas situações, se for presa em flagrante ou se tiver ordem de prisão.

A vítima fica com medo de morar perto do agressor, mas não tem pra onde ir. Mesmo com a medida protetiva, que proíbe a aproximação do agressor em até 200 metros, na prática não acontece no caso de Valdinéia.

A mulher criou os três filhos na roça. Antes da separação chegou a morar na cidade, mas com o fim do casamento, de 32 anos, voltou para o campo e diz que as agressões continuaram. Antes de conseguir a medida protetiva, Valdinéia já tinha registrado o boletim de ocorrência contra o ex-companheiro.

Imagem 1: Prints do Episódio 1.



Fonte: Agricultoras (2021).

5.1.1 Personagens

Seis personagens participaram do episódio. A primeira personagem a aparecer na cena é a Soldada Aline, que dirige a patrulha “Maria da Penha” e vai até o local da ocorrência junto com o Sargento Milton. Outro personagem é o agressor, Júlio Antônio Gomes, que é encontrado em sua residência, pela patrulha, localizado a cem metros da casa da vítima.

A doutora em direito penal, Patrícia Vanzolini, que esclarece sobre em que situação uma pessoa por ser presa. A vítima, Valdinéia Rufino, que conta a equipe da Record TV tudo o que passou nas mãos do agressor, Júlio Antônio. E, por último, a Consultora da ONU para Alimentos e Agricultura, Úrsula Zacarias, que fala sobre a valorização do trabalho para a mulher.

No episódio aqui analisado foi visto que os personagens são redondos, pois apresentam uma variedade maior de características, como: físicas, sociais, psicológicas, ideológicas e morais.

No caso da Soldada e do Sargento da patrulha “Maria da Penha” eles apresentam características físicas, pois estão com suas fardas e usando a viatura da Polícia Militar transmitindo para as vítimas uma sensação de proteção e cuidado.

O agressor contém aspectos físicos, sociais, ideológicos, psicológicos e morais. Físicos no momento em que agride a ex-mulher, onde a mesma foi parar no hospital. Sociais por mostrar o local em que vive. Ideológico por acreditar que a Lei Maria da Penha é complicada, errada. Segundo ele, o juiz manda buscar a pessoa com apenas uma reclamação. Psicológicos por apresentar atitudes agressivas e contraditórias. E morais por se sentir injustiçado ao ser levado para a delegacia, diz que nunca bateu na vítima e é ela quem tem o temperamento difícil.

A Doutora em Direito Penal, Patrícia Vanzolini, demonstra características ideológicas por apresentar em que circunstâncias uma pessoa pode ser presa.

Já a vítima apresenta aspectos físicos, sociais, psicológicos e morais. Físico quando demonstra como ocorreram às agressões. Sociais no momento em que mostra a sua casa, o ambiente em que vive. Psicológicos por precisar de um acompanhamento profissional depois de tudo o que passou. E morais por expor o que viveu ao lado do ex-marido durante 32 anos.

5.1.2 Cenário

Quatro cenários foram marcantes neste episódio. O primeiro é a estrada de terra que liga até a casa da vítima. Local com muita poeira, sem nenhuma casa, e cercada por árvores e campos vazios.

Outro ambiente é casa do agressor. O terreno é amplo, de terra, com árvores, portão baixo de madeira e um quartinho para guardar ferramentas.

A delegacia é outro cenário marcante. Local em que mostra o agressor algemado, sendo levado pelos policiais. E, pra finalizar, a casa da vítima, Valdinéia. Ambiente amplo, com árvores, plantas e banquinhos de madeira.

De acordo com a autora, Cândida Vilarés, que destaca espaço e ambiente na narrativa, ressalta que o espaço é quando há muitos detalhes que influencia na narrativa, como é o caso da grande reportagem aqui analisada. Já em relação ao ambiente, sua

função é situar os personagens no tempo, no grupo social, e nas condições em que vivem. (GANCHO, 2002).

A autora, Yves Reuter, fala sobre cenas e sumários e ressalta que as cenas ocupam um lugar importante. Trata-se de passagens textuais que se caracterizam por uma forte visualização acompanhada, principalmente, de falas de personagens e de um excesso de detalhes. Temos a impressão de que aquilo se desenrola diante dos nossos olhos, é em tempo real. (REUTER, 2002).

Os sumários representam o modo de contar, apresentam uma tendência ao resumo e se caracterizam por uma visualização menor.

5.1.3 Narrativa

A repórter, Catarina Hong diz que quando a vítima faz a denúncia e chama a patrulha “Maria da Penha” leva-se mais tempo para a viatura chegar ao local. A Soldado da Polícia Militar, Aline Vieira, conclui que há dificuldade em localizar o endereço porque a distância da Cidade até a Zona Rural leva bastante tempo.

A autora, Cândida Vilares Gancho fala sobre a exposição como parte estrutural em uma narrativa no qual são apresentados os fatos iniciais, os personagens, as vozes, o tempo, e o espaço. Ela destaca que é a parte na qual se situa o leitor. (GANCHO, 2002).

Já a autora, Yves Reuter analisa sobre a fala dos personagens, a escolha da perspectiva no modo de contar a história e as vozes narrativas. Todos esses apontamentos foram identificados na narrativa da grande reportagem “Agricultoras Violentadas”.

A repórter Catarina relata, no seu texto em off, que as viaturas passam com agilidade em áreas distantes para fiscalizar se homens violentos estão respeitando as medidas protetivas.

A Soldado avisa que a vítima entrou em contato e informou que o agressor está morando à menos cem metros dela e a patrulha rural vai averiguar. “Há muito tempo a gente faz visitas a ela na tentativa de localizar o agressor, mas nunca o encontramos”. Ressalta a policial.

No texto em off a repórter diz que as vítimas acionam a patrulha “Maria da Penha” pelo celular. A polícia precisa chegar rápido, pois o caminho até as plantações é estreito, e as vítimas vivem isoladas. Os policiais observam as fazendas e encontram o

local da ocorrência. A jornalista fala que, dessa vez, o homem que a patrulha procura está em casa, e ele nega que tenha descumprido a medida protetiva contra a mulher.

Quando a patrulha chega na casa do agressor, todos os policiais descem do carro e já se deparam com o suspeito no quintal, o mesmo fica parado, sem reação. A primeira atitude dos policiais é revistar o ex-marido de Valdinéia, Júlio Gomes, e pedir para que fique com as mãos pra trás. O agressor aparentemente está assustado, nervoso e com medo.

A repórter pergunta ao agressor: “O que você ouviu da medida protetiva”?

Júlio Antônio, ex-companheiro de Valdinéia Rufino, responde que a vítima que tinha que ficar longe e não ligar pra ele.

A jornalista rebate e diz que a medida protetiva é contra ele. E pergunta o que Júlio não pode fazer. O agressor fala que não pode ir no local em que a ex-mulher está, mas, que no caso, ele já morava na casa, e foi ela, a vítima, quem foi morar próximo dele.

O texto em off da repórter narra que o homem ainda critica a lei que protege as vítimas de violência doméstica. O agressor relata que a Lei Maria da Penha é a coisa mais complicada que existe, porque o juiz manda buscar a pessoa com apenas uma reclamação.

Repórter pergunta se o homem já agrediu a ex-mulher, Júlio diz que nunca. Que a mulher que tem o temperamento difícil.

Chega a certo momento do episódio que o Sargento da Polícia Militar, Milton anuncia que o agressor será levado para a delegacia localizada na Cidade. No mesmo instante o agressor abaixa a cabeça, demonstrando tristeza e, em seguida, é algemado e encaminhado até a viatura. Ao se aproximar da patrulha, Júlio grita, chora e demonstra revolta. “Pelo amor de Deus, moço, eu não vou não, eu trabalhei a vida inteira”, diz o agressor.

A doutora em direito penal, Patrícia Vanzolini, esclarece que a pessoa só pode ficar detida em duas situações, se for presa em flagrante ou se tiver ordem de prisão.

Valdinéia Rufino relata o que escutou do agressor: “O dia que eu for preso eu te mato. O dia que eu sair eu mato você”. Ao contar o que viveu, a vítima estava com o semblante triste, testa frisada, e um olhar de decepção.

Repórter lembra a vítima que ela tem a medida protetiva, e que o agressor não deveria voltar. Valdinéia concorda com a jornalista e diz que o ex-marido foi ficando e ela recebendo mais e mais ameaças. Foi então que a vítima procurou mais uma vez a delegacia da mulher.

A jornalista pergunta se Valdinéia tem marcas do casamento em sua casa. A mulher responde que tem marcas profundas de quando o homem a agrediu com um revólver, mas, por sorte, pegou na geladeira. Ela se encaminha até a geladeira em sua cozinha e, com as unhas pintadas de branco, aponta as marcas de tiro que Júlio disparou em cima dela.

Vítima conta que já foi parar no hospital três vezes e fraturou o tórax. “Eu vivi isso na pele e é mais complicado na roça. Você não tem ninguém por perto, fica mais vulnerável as agressões”. Desabafou Valdinéia. Já com lágrimas nos olhos, ela diz que se esqueceu dela, esqueceu-se de viver.

Na cozinha de sua casa, em pé, com os braços cruzados, Valdinéia relata que tem medo de morar tão perto do agressor, mas, que infelizmente, não tem pra onde ir.

No texto em off repórter narra que a dependência financeira é uma das maiores dificuldades que as mulheres enfrentam para denunciar os agressores.

“A gente tenta oferecer um emprego para tirar as vítimas da violência doméstica”. Conta a Soldado, Aline Vieira. A Consultora da ONU e Agricultura, Úrsula Zacarias, esclarece que a valorização do trabalho encoraja as vítimas para que possam lidar com as situações.

O momento em que foi identificada a humanização no jornalismo foi quando o cinegrafista filmou, em modo zoom, só o rosto da vítima, e ela diz que foi parar no hospital três vezes, quebrou o tórax uma vez e viveu na pele as agressões. Ressalta que por morar na roça fica isolada e não tem ninguém por perto pra socorrer, fica mais vulnerável as agressões. Outro momento é quando a vítima diz que tem marcas profundas do casamento e mostra o momento que o ex-marido atirou nela, em sua cozinha, e pegou na geladeira.

5.2 EPISÓDIO 2

O segundo episódio, com o tema: “Eliana carrega as marcas de um ataque recente do ex-marido”, gravado na cidade de Rio Verde, interior de Goiás, está com cerca de dez mil visualizações, quinhentas curtidas e trinta e quatro comentários. O episódio tem duração de 4 minutos e 56 segundos.

A patrulha “Maria da Penha” foi até uma propriedade que fica à trinta quilômetros do batalhão da Polícia Militar, para fiscalizar se a vítima, Eliana Nunes permanece em segurança. A vítima relata que depois que o agressor foi preso, não teve mais notícias.

Eliana foi espancada pelo homem no quintal de casa e quase morreu. No hospital, a vítima precisou pagar mais de dois mil reais para realizar uma plástica na cabeça. Após essa última agressão, Eliana denunciou o ex-companheiro e conseguiu a medida protetiva. O documento proíbe que o homem se aproxime e fique a uma distância menor de 200 metros. O agressor também não pode entrar em contato com a mulher e nem com a família dela.

Hoje Eliana tem 46 anos e vivi sozinha cuidando das galinhas, dos porcos e do pomar. De vez em quando, ela recebe a visita da patrulha. A soldado Aline e o Sargento Milton aumentam a sensação de segurança.

Imagem 2: Prints do Episódio 2.



Fonte: Agricultoras (2021).

5.2.1 Personagens

Neste episódio três personagens foram identificados, a vítima, Eliane Nunes, o Sargento Milton, que é considerado um personagem raso, pois não tem fala, e a Soldado Aline.

A Soldado Aline, nas primeiras filmagens, fala sobre o trabalho da patrulha “Maria da Penha”, e diz que percorre até cem quilômetros, por estrada de terra, para salvar as vítimas. A vítima, Eliana Nunes, de 46 anos, relata o que viveu com o agressor e fala sobre os seus medos. No episódio aqui analisado foi identificado que os personagens são considerados redondos, pois apresentam aspectos físicos, sociais, psicológicos e morais.

Dentre os aspectos aqui mencionados, a vítima Eliana apresenta todos os itens acima. Nos aspectos físicos, é percebido quando ela mostra as marcas que a violência deixou pelo corpo. Também apresenta aspectos sociais por morar no interior e não apresentar luxos. Características psicológicas por precisar de um acompanhamento de um profissional. E, por último, são os aspectos morais que a mulher demonstra só em relatar o que viveu nas mãos do agressor.

Já a Soldada Aline apresenta aspectos físicos, pois ao usar a farda e o carro da patrulha, passa segurança a vítima e a todos que os cerca. E, também, os aspectos

morais, pois oferece as mulheres, vítimas de agressões, o seu número de telefone pessoal para que possam ligar quando sentirem-se inseguras.

5.2.2 Cenário

Foram identificados quatro cenários importantes no episódio ““Eliana carrega as marcas de um ataque recente do ex-marido”. Logo no início do episódio, foi registrado a viatura da patrulha na estrada de terra em direção a casa da vítima. Estrada com muita poeira, sem casas, apenas árvores e campos vazios em volta.

Outro cenário é quando a viatura chega na casa da vítima. O Sargento, a Soldado e a vítima conversam no portão da residência. Mais adiante, outro ambiente marcante foi quando a vítima mostrou o local em que o ex-marido a agrediu, no quintal de casa.

E, pra finalizar, mais um cenário importante foi na mesa da cozinha da vítima, onde aparecem, sentados, lanchando, o Sargento e a Soldado e, ainda, conversam com a vítima, que está em pé.

5.2.3 Narrativa

A repórter, Catarina Hong, inicia o episódio dizendo que ela, junto com os policiais da Patrulha “Maria da Penha” irão a uma propriedade que fica a 30 quilômetros do batalhão da Polícia Militar.

A soldado fala que a equipe tem vítimas em até 60 quilômetros, mas que costumam ir até 100 quilômetros.

Em texto off, a repórter diz que somente em Rio Verde são 700 medidas protetivas com os PM's. Fala também que nas margens das estradas, os campos extensos parecem vazios e que parte dessas propriedades é monitorada pela Patrulha Rural.

Em meio a essas propriedades, a polícia fiscaliza se uma outra mulher permanece em segurança. Ao chegar na casa da vítima, a Soldada pergunta: “A senhora teve alguma notícia do agressor?”. A vítima responde que não, que depois que o agressor foi preso nunca mais soube dele.

No texto em off da repórter, a jornalista narra que Eliana quase morreu nas mãos do ex-companheiro no quintal de casa. A vítima fala que na hora que abaixou na torneira para lavar a vasilha do cachorro, o agressor pegou um pau e bateu na cabeça dela.

Repórter narra que mesmo com os ferimentos, Eliana ouviu desabafos do agressor: “Há muito tempo queria fazer isso”.

Eliana mostra a equipe do Repórter Record Investigação como ocorreu a violência que sofreu do ex-marido. Ela está no seu terreno, bem no local em que foi violentada. Eliana gesticula para demonstrar como foram as agressões que viveu. Ela bate na própria cabeça para imitar como o agressor fez. Põe as mãos, com as unhas pintadas de rosa, nos olhos para mostrar que sua vista embaçou no momento em que foi agredida.

Eliana desabafa e diz que sentiu muitas dores e que passou por momentos difíceis. Repórter diz que a vítima denunciou o agressor e conseguiu a medida protetiva. Ressalta ainda que o casamento de 20 anos teve mais violência do que amor.

A vítima conversa com a repórter e diz: “Ele xinga hoje e amanhã passa. No outro dia xinga de novo e você vai botando embaixo do tapete. E vai ficando cada vez pior”.

Na cozinha da sua casa, Eliana fala para a Soldado e o Sargento que as portas de sua casa estarão sempre abertas. Que eles serão bem recebidos. A Soldado conta que várias vítimas têm um carinho muito grande por ela. Para algumas mulheres ela passa o número do telefone pessoal para que não se sintam sozinhas.

A humanização no jornalismo foi identificada em dois momentos, quando a repórter diz, em texto off, que o casamento de 20 anos teve mais violência do que amor seguido da imagem de apoio da vítima, em modo zoom, que mostra apenas o rosto. E quando a vítima mostra a equipe as cicatrizes na cabeça que o ex-marido deixou através de pedaços de madeira.

5.3 EPISÓDIO 3

O terceiro episódio, com o tema: “Vítimas em áreas afastadas desistem de fazer denúncias” está com trinta e seis mil visualizações, mil curtidas e cento e quinze comentários. O episódio tem duração de nove minutos e trinta e nove segundos.

O episódio foi gravado em Rio Verde, interior de Goiás, e contou a história da vítima Rosyene, de 31 anos, que morreu ao ser agredida pelo ex-marido, Antônio Marcos Lima Fidelis.

A união com Antônio Marcos começou quando Rosyene ainda era adolescente e sempre foi uma relação de brigas, até mesmo na frente dos dois filhos. A família morava em uma fazenda do patrão do agressor, em Rio Verde, longe da Cidade.

Rosyene fez contato com a patrulha “Maria da Penha”, mas nunca realizou o boletim de ocorrência. Com medo, a vítima saiu de casa e foi morar com os pais, mas não adiantou, o agressor vivia rondando a residência. Até que, um mês depois, Rosyene resolveu voltar pra fazenda com Antônio.

A vítima passou vinte dias na fazenda com o agressor. Sem a presença dos filhos, que preferiram ficar na casa dos avós, Antônio Marcos aproveitou e matou Rosyene com um tiro de espingarda. Segundo a família da vítima, o agressor era alcoólatra e viciado em drogas.

Antônio Marcos fugiu após matar Rosyene, porém, na mesma noite, o agressor ligou para um dos filhos do patrão e confessou o crime, mas só foi preso um mês depois e permaneceu em silêncio no interrogatório.

Imagem 3: Prints do Episódio 3.



Fonte: Agricultoras (2021).

5.3.1 Personagens

Nove personagens participaram deste episódio. A primeira a contar o que Rosyene viveu, foi a mãe dela, a dona Silvânia dos Santos, que explica como tudo ocorreu e, junto, o pai de Rosyene, Rosemar Faria. Um dos filhos da vítima também relata o que ele e a mãe sofreram nas mãos do pai, porém, seu rosto não pôde ser filmado por ser menor de idade.

Em seguida o Sargento, Milton Antônio Justino, da Patrulha “Maria da Penha”, que contou que a vítima entrava em contato com a patrulha, mas não registrava a ocorrência.

A psicóloga, Maria de Fátima Franco, que explica os possíveis medo da vítima em não registrar o boletim de ocorrência. Outros personagens são a prima da vítima, Kerliane Faria dos Santos, o delegado da Polícia Civil, Danilo Carvalho e, também, a mãe do agressor, Maria Aparecida Lima, e a irmã, Niriene Lima Fideles.

Neste episódio foi identificado que os personagens são considerados redondos, pois apresentam aspectos físicos, sociais, ideológicos, psicológicos e morais. A mãe de Rosyene, Silvânia dos Santos, e o pai, Rosemar Faria, apresentam características

físicas, sociais e psicológicas, pois transparecem tristeza ao chorar e raiva nas expressões do rosto e no tom de voz. Psicológicos depois de tudo o que viram a filha passar, e nunca mais esquecerem. Sociais por mostrarem suas vidas, local onde moram, a forma que falam e se portam.

O filho da vítima, que não foi identificado, também apresenta características físicas ao dizer que brigava fisicamente com o pai em defesa da mãe, e psicológicas pelas violências viveu por parte do pai e tudo o que viu a mãe sofrer. Já o Sargento, Milton Antônio apresenta aspectos morais quando diz que a vítima não registrava o boletim de ocorrência dizendo que o agressor ia melhorar.

A psicóloga, Maria de Fátima Franco demonstra aspectos ideológicas quando fala que o medo da vítima é normal, natural. A prima da vítima, Kerliane Faria dos Santos também apresenta características ideológicas no momento em que diz que o agressor aproveitou que a vítima estava somente na presença dele, sem os filhos, e a matou.

Quando o delegado confirma o diagnóstico de que o agressor realmente assassinou a vítima, ele apresenta característica moral. A mãe do agressor, Maria Aparecida Lima, e a irmã, Niriene Lima Fideles, demonstraram aspectos físicos. A mãe transmite um olhar de decepção, e a irmã chora e diz que tentou evitar.

5.3.2 Cenários

Há cinco cenários importantes no episódio, “Vítimas em áreas afastadas desistem de fazer denúncias”.

O primeiro cenário é a fazenda em que Rosyene, o marido e os dois filhos viviam, longe de tudo, cercado por árvores, e nenhum vizinho por perto. Logo após, outro ambiente é a casa dos pais de Rosyene, lugar para onde ela foi com os dois filhos quando conseguiu sair de casa.

Mais adiante, aparece a estrada de terra em direção à fazenda onde a vítima foi assassinada. Outro registro foi o local exato do crime, dentro de casa, na fazenda. Segundo os policiais, não havia sinais de arrombamento, apenas uma lata de cerveja na pia da cozinha, ao lado do corpo.

Em outro ambiente, já no quarto do casal tinham munições de três calibres diferentes, uma faca e remédios para ansiedade e síndrome do pânico.

5.3.3 Narrativas

A repórter inicia narrando que Rosyane havia reatado o casamento com Antônio Marcos, e que a vítima sofreu sozinha até ser tarde demais para pedir ajuda.

A mãe de Rosyene, Silvânia dos Santos, disse que a filha só deu benção a ela e, por volta de 00h00, o agressor a matou. Segundo relatos do filho de Rosyene, “Ele batia nela. Eu não deixava bater nela, eu avançava nele também. Aí rolava a briga”.

No texto em off, repórter diz que mesmo sem vizinhos por perto, Antônio Marcos era muito ciumento. Não gostava que a mulher falasse com a própria mãe. Em mensagem pelo celular, a vítima avisou a mãe que não iria mandar mensagem naquele dia por causa do agressor, e pediu para que a mãe também não enviasse nada.

O filho da vítima disse que o pai descobriu as mensagens que a mulher e a sogra trocavam e tirou o roteador de internet, o filho perguntou o porquê que ele tinha feito aquilo, e o agressor apontou uma arma na cabeça do filho e o ameaçou de morte.

O sargento, Milton Antônio, relatou que a vítima entrava em contato com a patrulha e dizia que sofria agressões e ameaças de morte. Mas nunca passava o endereço da sua casa.

A psicóloga, Maria de Fátima Franco, diz que o medo que a vítima tem é natural, faz a mulher se sentir impotente.

Repórter fala que Rosyene se instalou na casa dos pais, juntos com os filhos, para começar uma nova vida longe do marido. Mas a perseguição continuou, o agressor rondava a casa, não dava sossego. Até que um mês depois, a vítima voltou para a fazenda com o marido.

De acordo com a mãe da vítima, que estava com os cabelos presos, sem maquiagem e muito triste: “Ele bebia, bebia bastante. Até então o patrão não sabia que ele bebia. Ele já foi usuário de droga. E ela sabia que quando ele bebia o foco dele era fazer alguma coisa comigo ou com o pai dela”.

No texto em Off da repórter narra que segundo o pai de Rosyene, Rosemar Faria, o agressor violentava a vítima quando estava grávida do terceiro filho. “Jogou ela no chão e deu chute na barriga dela”, disse o pai.

Repórter Catarina Hong conta que após um ano do nascimento a criança desenvolveu uma doença rara. Segundo a família de Rosyene, o pai se recusou a levar o bebê para o hospital.

Com lágrimas nos olhos, o pai diz que a família não terá mais natal. Que a filha foi assassinada no dia 20 de dezembro. No quarto, junto com a repórter, a mãe de Rosyene se emociona ao ver as roupas da filha e relata que dizia a ela o medo que sentia do agressor fazer alguma coisa.

A prima da vítima, Kerliane Faria dos Santos, disse que por a vítima morar na fazenda, longe de tudo, ficando mais vulnerável, o agressor se aproveitou da situação e matou a mulher.

O Delegado da Polícia Civil, Danilo Carvalho, diz que não havia nenhum sinal de briga entre o casal e isso demonstrar que o agressor assassinou a vítima de maneira premeditada.

A mãe do agressor, Maria Aparecida Lima, com um olhar de decepção, relata que Antônio Marcos assumiu que perdeu o controle e que não se arrepende do que fez. A irmã, Niriene Lima Fideles chora e diz que tentou, de alguma forma, evitar a tragédia.

A humanização no jornalismo foi identificada, neste episódio, em dois momentos, quando o pai conta que a família não terá mais natal, pois o agressor matou Rosyene no dia 20 de dezembro. E quando a mãe se emociona ao ver as roupas da filha em cima da cama.

5.4 EPISÓDIOS 4 E 5

O quarto episódio "Mulheres do campo são vítimas de abusos psicológicos dentro e fora de casa" está com cerca de vinte e três mil visualizações, novecentas curtidas e cento e quarenta e um comentários. O vídeo tem duração de doze minutos e dez segundos. Já o quinto episódio "A falta de segurança em casa e no trabalho expõe Lucimar aos abusos" está com cerca de oitenta e um mil visualizações, mil e novecentas curtidas e trezentos e vinte e dois comentários. O episódio tem duração de nove minutos e vinte e seis segundos.

O quarto episódio conta que Lucimar e o ex-marido eram meeiros, plantavam café e tinham que dividir o lucro da colheita com o dono das terras em que viviam. Em 8 anos, o casal conseguiu juntar dinheiro e dar entrada nessa área. Na época, o casamento resistia apesar da violência que se manifestou logo no início do casamento.

Lucimar se casou aos 18 anos e três meses depois engravidou, porém, teve um aborto espontâneo. Depois de um tempo a mulher engravidou de novo do ex-marido, e sofreu a primeira violência física quando a filha ainda era bebê. A segunda agressão que a vítima sofreu foi enquanto estava amamentando a segunda filha, ela foi esfaqueada na costela.

No quinto episódio, também gravado em Simonésia, Lucimar apresenta a mãe, Conceição Gonsalves e a irmã, Nilzabete Pereira. A irmã já trabalhou com o ex-cunhado e presenciou as agressões.

Com o fim do casamento de 19 anos, Lucimar foi morar em um paiol, atrás da casa da mãe, e ficou por lá mais de 4 anos. E foi apenas com a intervenção de um advogado que o ex-marido aceitou dividir o terreno, e ela pôde voltar.

Imagem 4: Prints dos Episódios 4 e 5.



Fonte: Agricultoras (2021).

5.4.1 Personagens

Ao todo, sete personagens participaram do quarto e do quinto episódio.

No quarto episódio, a primeira personagem a aparecer é a vítima, Lucimar Martins. Ela conta tudo o que viveu com o ex-marido.

Em seguida, a Cofundadora do Instituto Maria da Penha, Conceição de Maria Mendes, fala sobre violência psicológica. O agressor, que não quis mostrar o rosto, também fala sobre o que viveu com a ex-mulher e nega as agressões.

Já no quinto episódio as primeiras personagens a aparecer são a mãe, Conceição Gonsalves e a irmã de Lucimar, Nilzabete Pereira. Mais adiante, quem fala é o Tenente da Polícia Militar, Marcos Vieira, que concorda com a fala do Repórter, Rogério Guimarães, de que apenas uma viatura da Patrulha Maria da Penha é pouco para a cidade de Simonésia.

Uma funcionária da prefeitura, que não quis se identificar, disse que o último delegado que estava exercendo a função se aposentou, e não tem previsão de outro delegado assumir o lugar.

No episódio aqui analisado foi identificado que os personagens são considerados redondos, pois apresentam uma variedade maior de características, como: físicas, sociais, ideológicas, psicológicos e morais.

A vítima Lucimar apresenta os aspectos físicos que é percebido quando ela mostra as marcas que a violência deixou pelo corpo. Também apresenta aspectos sociais por morar no interior e não apresentar luxos. Características psicológicas depois de tudo o que viveu ao lado do agressor, precisa de um acompanhamento. E, por último, são os aspectos morais que a mulher demonstra só em relatar o que viveu nas mãos do ex-marido.

A Cofundadora do Instituto Maria da Penha, Conceição de Maria Mendes, transparece aspectos ideológicos ao dizer que grande parte das violências domésticas iniciam com as violências psicológicas.

O agressor contém aspectos físicos, psicológicos e morais. Físicos no momento em que agride a ex-mulher. Psicológicos por afirmar que nunca fez nada com a vítima. E morais por negar as acusações, dizendo que sempre foi um homem exemplar, que nunca estuprou, nunca espancou.

A mãe de Lucimar, Conceição Gonsalves e a irmã, Nilzabete Pereira, apresentam características físicas e sociais, pois transparecem tristeza e raiva nas expressões do rosto e no tom de voz. E sociais por mostrarem suas vidas, local onde moram, a forma que falam e se portam.

O Tenente, Marcos Vieira apresenta características morais quando afirma que falta viaturas em Simonésia. Já a funcionária da Prefeitura apresenta aspectos físicos pela função que exerce e o local que se encontra.

5.4.2 Cenários

Dez cenários foram marcantes no quarto e no quinto episódio. A primeira cena é a casa de Lucimar. O terreno é grande, de terra, e muitas árvores em volta.

Outro cenário é o quintal do agressor, que fica ao lado da casa da vítima. Ambiente com muita terra e cercado de árvores. Finalizando o quarto episódio aparece Lucimar no espelho do seu quarto, se maquiando e arrumando o cabelo.

Já no quinto episódio, outro cenário importante é a casa de paiol em que Lucimar morou com os filhos. Ambiente de terra, varal no quintal com roupas estendidas e muitas árvores.

Mais adiante aparece a vítima dentro do ônibus em direção a delegacia, que fica na Cidade. Lucimar foi certificar-se que teria a proteção da Polícia Militar por morar tão perto do agressor.

Outro momento é a mulher cozinhando, de madrugada, para levar comida para o trabalho. No dia seguinte, no campo, o cinegrafista mostra Lucimar nas plantações de café e, em seguida, filma a vítima almoçando em meios as terras.

5.4.3 Narrativas

Lucimar diz que não queria saber de namorar, e nem tão pouco cozinhar. Segundo ela o agressor dizia: “Você quer terminar comigo porque arrumou outros machos, né?”. A vítima ressalta que as agressões começaram nesse momento.

A Cofundadora do Instituto Maria da Penha, Conceição de Maria Mendes, fala que a violência doméstica começa, principalmente, com a violência psicológica.

Texto em off do repórter, Rogério Guimarães, diz que Lucimar se casou aos 18 anos. Vítima diz que no tempo dela, passar dos 20 anos, o povo falava que estava ficando pra “titia”.

No texto off do jornalista narra que três meses depois do casamento, a vítima ficou grávida e esperava um menino, mas teve um aborto espontâneo e foi vítima de violência institucional.

Lucimar disse que um policial que estava de plantão no hospital começou a pressionar dizendo que ela tinha forçado o aborto, a vítima ficou nervosa, e perdeu muito sangue. “Só fizeram a coleta depois que a minha irmã foi lá e disse que ia me tirar do hospital, porque não é era justo eu morrer em um lugar com recurso”, finalizou a vítima.

Repórter, Rogério Guimarães, perguntou se doeu, e Lucimar respondeu, chorando: “tá doido? Mas a dor pior não é nem tanto a física”.

A vítima conta que enquanto amamentava a segunda filha o ex-companheiro deu uma facada na costela dela, e o resultado foi depressão grave. “Eu não dormia, eu alucinava com a própria morte, eu imaginava que eu tava com câncer”, disse a vítima. Lucimar fala que foi discriminada pelas pessoas por querer se separar do agressor.

Repórter diz que hoje Lucimar mora de favor e que o agressor ficou com a casa que eles construíram juntos, que fica ao lado da casa atual da vítima.

Jornalista pergunta ao agressor como iniciaram as agressões contra Lucimar, o homem diz que nunca agrediu a vítima, e pergunta se a mulher está em casa, repórter pergunta o que ele vai fazer com ela, e o agressor responde que vai dar um jeito na mulher.

Imediatamente Lucimar entra em contato com a Polícia Militar de Simonésia e explica que o agressor ficou alterado e pede pra Polícia ir até a casa dela. No quinto episódio, a irmã de Lucimar, Nilzabete Pereira, conta que viu o ex-cunhado chutar a vítima no meio do pasto. Já a mãe, Conceição Gonsalves, diz que não é bom mulher apanhar, que mulher já sofre muito.

A vítima fala, aos prantos, que a filha mais velha disse: “É mãe, é tão bom a gente comer e não ter que engolir a própria lágrima”. Repórter pergunta ao Tenente,

Marcos Vieira, se uma viatura só não é insuficiente, e Tenente responde: “realmente é o caso de que se houvesse mais viaturas seria importante”.

Durante a madrugada, Lucimar prepara a marmitta para levar para o trabalho, o repórter pergunta o que ela está cozinhando, a vítima responde: “eu fiz arroz, feijão, couve, fritei uma carne e vou botar na marmitta com farinha”.

Já na lavoura, depois colher o pé de café e se sentar para almoçar, o jornalista pergunta quanto a mulher ganha livre trabalhando nas lavouras, ela fala que ganha, em média, R\$1.500,00 ao ano.

Em desabafo, a vítima diz: “aí você passa por tudo isso que te falei, levantar-se de madrugada, fazer essa trabalhadeira toda, brigar no meio da roça, fazer sexo no meio das lavouras sem querer, tudo sujo, podendo pegar uma infecção, e chegar em casa ainda apanhar, ou ter que fazer sexo a força”.

No quarto episódio o momento do vídeo que mostra a humanização no jornalismo é quando Lucimar conta sobre o processo de coleta após o aborto espontâneo, que só foi atendida quando a irmã foi até ao hospital e disse que ia tirar Lucimar de lá porque não era justo morrer em um lugar com recursos.

No quinto episódio a humanização foi percebida no momento em que a vítima desabafa sobre o seu dia a dia nas lavouras e com o ex-marido, ela conta que foi estuprada, violentada, abusada e desrespeitada pelo agressor.

5.5 EPISÓDIO 6

O sexto episódio, com o deferido tema: “Leonice tem sequelas permanentes da agressão do ex-marido”, gravado em Governado Valadares, Minas Gerais, está com vinte e quatro mil visualizações, novecentas curtidas e noventa e dois comentários. O vídeo tem duração de nove minutos e cinquenta e sete segundos.

O episódio conta o que Leonice viveu ao lado do agressor. A vítima foi espancada pelo ex-companheiro, Fabiano de Paula, e teve o dedo, da mão direita, arrancado de forma surpreendente, através de mordidas. Tudo foi presenciado pelos dois filhos do casal. O homem também cortou o braço da vítima com um facão. O agressor fez inimigos por toda a parte e foi assassinado.

O número de mulheres vivendo nas áreas rurais do Brasil é menor do que nas Cidades. Um pouco mais de 14 milhões no campo, e nas zonas urbanas 83 milhões segundo dados do IBGE.

Imagem 5: Prints do Episódio 6.



Fonte: Agricultoras (2021).

5.5.1 Personagens

Quatro personagens participaram do episódio. A vítima, Leonice, que conta, em detalhes, tudo o que viveu com o ex-companheiro. Um dos homens que fecha as porteiros para que as mulheres não consigam passar. Ele não quis se identificar. E negou que tenha participado da ação.

A filha do casal, que não quis mostrar o rosto, conta o que viu das agressões. A Coordenadora do Sindicato das Agricultoras, Maria Lucivanda da Silva, que fala sobre políticas públicas.

A delegada de Valadares, Adelina Xavier, que fala que não consegue atender todas as vítimas de violência doméstica. No episódio aqui analisado foi identificado que os personagens são considerados redondos, pois apresentam uma variedade maior de características, como: físicas, sociais, psicológicas e morais. E personagens planos, que são reconhecidos por características típicas, invariáveis, sendo morais, sociais, econômicas, ou de qualquer outra ordem.

A vítima apresenta características redondas como física, sociais, psicológicas e morais. Física por mostrar as marcas que as violências deixaram em seu corpo. Sociais pela forma que vive, no local em que vive. Psicológicas por demonstrar desespero e tristeza ao relatar sua história. E morais por expor tudo o que passou nas mãos do agressor.

Já o homem, que não se identificou, demonstra característica plana, pois não apresenta plano de virada em sua personalidade. E apresenta característica física na forma de andar e falar.

A filha também apresenta características redondas, como físicas, psicológicas e morais. Físicas quando gesticula, com as mãos, como ocorrem as agressões e quando fala o que viu. Psicológicas por ter presenciado as agressões contra a mãe. E morais por pedir ao pai para parar de bater na mãe, que ele ia matar ela.

A coordenadora apresenta aspectos redondos de formas ideológicas e morais. Ideológicas quando diz que tinha que ter políticas públicas voltada pra mulher do campo, e morais por dizer que até essa política público chegar nessa mulher, ela estará morta.

A delegada demonstra características redondas de forma moral por dizer que não consegue visitar todas as zonas rurais de Valadares.

5.5.2 Cenários

Três cenários foram marcantes neste episódio. A primeira cena é a estrada de barro em direção a casa da vítima, muita poeira e matos em volta.

Outro ambiente é a porteira para chegar até a casa de Leonice. Os homens amarram as porteiras para que as mulheres não saiam das terras, só pode sair se praticar atividade sexual.

Por último, é o rio perto da casa da mulher, local onde foram gravadas as entrevistas com o repórter, Rogério Gonçalves.

5.5.3 Narrativas

A vítima conta que os homens amarram a porteira, não deixa as mulheres passarem e fazem chantagem dizendo que são vão sair se fizer alguma coisa com eles. Leonice para de falar com o repórter sobre o assunto quando ver um dos homens se aproximando. O jornalista pergunta se o homem já amarrou a porteira, e ele diz: “Eu não”.

Repórter pergunta a Leonice o que aconteceu com a mão direita, e a vítima conta que o ex-marido arrancou o seu dedo com mordidas. A filha conta que no momento em que pai mordeu o dedo da mãe, ela pediu pro agressor parar, e que ele ia acabar matando Leonice.

Leonice disse, “não existia um porque, ele simplesmente sentia vontade e batia”. Repórter pergunta, “ele bebia”? e vítima responde, “bebia, mas sã ele também batia”. A vítima desabafa e chora ao dizer que mesmo separada, tinha que fazer as vontades dele. E que foi estuprada várias vezes, que ele era muito bruto.

A Coordenadora do Sindicato das Agricultoras, Maria Lucivanda da Silva, diz que deveria ter políticas públicas voltadas para as mulheres do campo. Que o que tem, essas vítimas não conseguem acessar.

A delegada, Adelina Xavier, fala que quem dera se conseguisse visitar todas as vítimas das regiões rurais, porque atenderia não só vítimas de violência domésticas, mas

de estupro. Segundo ela, os casos mais comuns quando tem meninos e meninas, é o estupro de vulneráveis nas Zonas Rurais.

Momento em que há humanização no jornalismo neste episódio é quando a vítima conta, com um choro de desespero, que foi estuprada por diversas vezes pelo agressor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do *storytelling* a humanização no jornalismo pôde ser identificada na grande reportagem “Agricultoras Violentadas”. No decorrer dos episódios as vítimas transmitiram angústia, medo, raiva e desgosto por tudo o que viveram ao lado dos agressores. Essas características foram realçadas através do tom de voz, nas expressões do rosto e no movimento do corpo. Não só os aspectos físicos foram percebidos nos personagens, mas também o lado social, psicológico, moral e ideológicos.

Em resposta ao problema de pesquisa questionado no início dessa monografia: “Como o *storytelling* pode ser utilizado para humanizar a cobertura jornalística sobre a violência contra a mulher?”, o *storytelling* pôde ser utilizado através das narrativas, do cenário e do papel de cada personagem, entre vítimas, familiares dos envolvidos e dos policiais da Patrulha Maria da Penha e, a partir disso, a humanização foi identificada na cobertura jornalística, e as hipóteses foram alcançadas.

O objetivo geral dessa análise de estudo era identificar de que maneira as técnicas de *storytelling* aparecem na grande reportagem, e foi por meio do ambiente, do modo de falar dos personagens, do acúmulo de tensões e desafios que se criaram ao longo dos episódios.

Em objetivos específicos, era analisar, a partir das narrativas, o que as vítimas, os agressores, os especialistas e os personagens secundários relatavam em cada episódio. E todos eles narraram o que viveram, cada um a seu modo e do seu ponto de vista.

E, finalizando, ainda em objetivos específicos, o intuito era avaliar a função, o papel de cada personagem dentro da grande reportagem. Esse objetivo foi alcançando aplicando as técnicas da autora Cândida Vilres Gancho, que fala sobre personagens planos e redondos.

Esse trabalho possibilitou conhecer de forma mais aprofundada as histórias de violência vividas por mulheres que moram no campo, longe da Cidade. Portanto, de maneira geral, essas vítimas precisam de cuidados e proteção do Estado e da sociedade civil. As vítimas precisam ter conhecimento dos seus direitos. Viver sem violência é um direito a todas as mulheres.

REFERÊNCIAS

- AGRICULTORAS Violentadas. **Repórter Record Investigação**. Rio de Janeiro: Record TV, 2021. Documentário (112'10"33). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JdxVm2KltN8>>. Acesso em: 11 maio 2022.
- ARCAS, Andre. Storytelling, o que é storytelling? Como fazer storytelling na prática (passo a passo). **YouTube**. Vídeo (7min05s). 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T9LVe8Qtu7E>>. Acesso em: 17 maio 2022.
- BORTOLI, Suzana Rozendo. Jorge Kanehide Ijuim: sobre o jornalismo humanizado. **Alterjor**. São Paulo, v. 01, n. 13, janeiro – junho 2016, p. 6 – 13. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/114108/112902>>. Acesso em: 08 ago 2022.
- BASTOS, Cabral, Liliana; BIAR, Andrade, Liana. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **Delta**. Rio de Janeiro, 31 espec, 2015. P. 97 – 126. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/delta/a/Y8HLKnQRjQs8ZpdHjQY4fqH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 14 de abril 2022.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2.d. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998.
- BRASIL. Não se Cale. **Viver sem violência é um direito de todas as mulheres**. Mato Grosso do Sul: Lei Maria da Penha, 2006.
- COELHO, Fernando. Dica com Dalva Rêgo – Storytelling no Jornalismo. **YouTube**. Vídeo (1min42s). 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VUYxBsDwuqI>>. Acesso em: 10 maio. 2022.
- CUNHA, Karenine Miracelly; MANTELLO, Paulo Francisco. Era Uma vez a Notícia: Storytelling como Técnica de Redação de Textos Jornalísticos. **Revista Comunicação Midiática**. São Paulo, v. 9, n. 2, maio – agosto 2014, p. 57-67. Disponível em: <<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/185/186>>. Acesso em: 10 jun 2022.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- ANDRADE, Aline Ricelli Gonçalves; SOUZA, Thalita Grazielle Pereira de Souza. **O Impacto da Violência Doméstica na Vida da Mulher que Exerce o Trabalho Remoto em Tempos de Pandemia de Covid-19**. (Especialização) Trabalho de Conclusão de Curso e, Direito. Ânima, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/13938/1/Artigo%20Cient%20C3%ADfco%20-%20Aline%20Ricelli%20e%20Thalita%20Grazielle%20-%202021.pdf>>. Acesso em: 16 ago 2022.

IJUIM, Jorge Kanehide. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. **Revista Comunicação Midiática**, v.7, n.2, p.117-137, maio/ago. 2012.

Disponível em:

<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/290/289>.

17 ago 2022.

IJUIM, Jorge Kanehide. Por que humanizar o jornalismo (?). **Verso e Reverso**, Florianópolis, v. 31, n. 78, setembro-dezembro, 2017. Disponível em:

<<https://revistas.unisinus.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2017.31.78.07/6252>>. Acesso em: 17 ago 2022.

IMP. Ciclo da violência: Saiba identificar as três principais fases do ciclo e entenda como ele funciona. **Instituto Maria da Penha**. 2018.

LIMA, Edivaldo Pereira. Storytelling em plataforma impressa e digital: contribuição potencial do jornalismo literário. **Organicom**. São Paulo, v.11, n. 20, 2014, p. 119 – 127. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139223/134565>>. Acesso em: 07 maio 2022.

LOBATO, José Augusto Mendes. Jornalismo e narrativa em sintonia: um percurso teórico-conceitual pelos elementos da grande reportagem. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. V. 13, n. 2. Junho - dezembro, 2016, p. 66 - 75. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2016v13n2p66>.

Acesso em: 17 ago 2022.

MOURA, Jónata Ferreira de; NARACATO, Adair Mendes. A entrevista narrativa: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professores. **Cadernos de Pesquisa**. São Luis. V. 23, n. 2, jan-abril. 2017. p. 16. Disponível em:

<https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/17580/9529>. Acesso em: 10 abril 2022.

MOUTINHO, Karina; CONTI, Luciane De. Análise Narrativa, Construção de Sentidos e Identidade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online]. 2016, v. 32, n 2, Abr-Jun 2016.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/tsfbSKpvYzygrVG5mrP7x4Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso

em: 11 abril 2022.

ORTEGA, Flávia Teixeira. Femicídio (art. 121§ 2º, VI, do CP), 2016. Disponível em:<<https://draflaviaortega.jusbrasil.com.br/artigos/337322133/femicidio-art-121-2-vi-do-cp>>. Acesso em: 16 maio 2021.

OTONI, Luciana. Prêmio Viviane Vieira do Amaral chega a 2º edição. Abril 2022.

Disponível em: <<https://infojud.com.br/noticia/39420/premio-viviane-vieira-do-amaral-chega-a-2%C2%BA-edicao.html>>. Acesso em: 15 maio. 2022.

PALACIOS, Fernando. Fundamentos do storytelling. **Storytellers**. 2013. Disponível em: <<https://www.storytellers.com.br/2013/02/fundamentos-do-storytelling.html>>.

Acesso em: 17 ago 2022.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PRADO, Débora; SANEMATSU, Marisa. (orgs.) **Feminicídio: #invisibilidade mata**. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão, 2017. Disponível em: <[LivroFeminicidio_InvisibilidadeMata.pdf \(digitaloceanspaces.com\)](#)>. Acesso em: 16 de maio 2021.

Ramos, Anderson. Jornalismo da Record TV conquista prêmio internacional inédito para o Brasil. One Word Media. Junho, 2021. Disponível em: <<https://www.ouniversodatv.com/2021/06/jornalismo-da-record-tv-conquista.html>>. Acesso em: 16 ago. 2022.

RAMOS, Silvia; PAIVA Anabela. **Mídia e Violência**. Rio de Janeiro: Copyright, 2007. Disponível em: <https://www.ucamcesec.com.br/wp-content/uploads/2011/06/Livro_midia_e_violencia.pdf>. Acesso em: 19 abril 2021.

RECORD TV. **Mulheres do campo são vítimas de abusos psicológicos dentro e fora de casa**. Vídeo (12min10s). Disponível em: <[Mulheres do campo são vítimas de abusos psicológicos dentro e fora de casa - RecordTV - R7 Repórter Record Investigação](#)>. Acesso em: 29 de abril. 2021.

REUTER, Ives. **A análise narrativa**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil LTDA, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 1. ed. São Paulo: Graphium, 2011.

SANTOS, Leonardo Schwertner. **Storytelling: O poder da narrativa estratégica dentro do branding e marketing**. Monografia (Curso De Pós-Graduação Lato Sensu Mba Branding E Business). Centro Universitário Univates. Lejeado, 2016.

SANTOS, Marli. **História de Vida na Grande Reportagem: Um encontro entre Jornalismo e História Real**. 12 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Lato Sensu em Comunicação Jornalística da PUC-SP. 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/271238410_Historias_de_vida_na_grande_reportagem_um_encontro_entre_jornalismo_e_historia_oral>. Acesso em: 16 ago 2022.

VIANA, Luana. O uso do storytelling no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre podcasting. **Rumores**, Juiz de Fora, v. 14, n. 27, janeiro – junho 2020, p. 286-305. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/167321>>. Acesso em: 15 de maio 2022.